



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

A POLÍTICA EMBRIAGADA

Imparcialidade e História no *Discurso dos Três Bêbados sobre Governo*, de Nakae Chōmin
(1887)

FILIPPE RIBEIRO ANDRÉ

BRASÍLIA
2025

FILIPPE RIBEIRO ANDRÉ

A POLÍTICA EMBRIAGADA

Imparcialidade e História no *Discurso dos Três Bêbados sobre Governo*, de Nakae Chōmin
(1887)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Departamento de História do Instituto de
Ciências Humanas da Universidade de Brasília
como requisito parcial para a obtenção do grau
de licenciado em História.

Modalidade escolhida: Artigo científico
inédito

Orientador: Prof. Dr. Pedro Eduardo
Silva

BRASÍLIA
2025

FILIPPE RIBEIRO ANDRÉ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado em História.

Defendido em 21 de fevereiro de 2025

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Pedro Eduardo Silva
Departamento de História
Universidade de Brasília
Presidente

Prof.^a Dr.^a Bárbara Mangueira do Nascimento
Departamento de História
Universidade de Brasília
Membra

Prof.^a Dr. Vinícius Bivar Marra Pereira
Departamento de História
Universidade de Brasília
Membro

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os meus professores, sem os quais não poderia ter ingressado na universidade nem concluído esse trabalho.

RESUMO

A Era Meiji (1868–1912) marcou a transição do Japão de um regime feudal isolacionista para uma potência moderna, sob pressão de potências ocidentais e conflitos internos. Nesse contexto, Nakae Chōmin (1847–1901), intelectual conhecido como o “Rousseau do Oriente”, sobressaiu-se como crítico do governo e defensor de ideais considerados liberais, em uma tentativa inovadora de mesclar influências de origem ocidental com a filosofia oriental neo-confucionista. Sua obra *O Discurso dos Três Bêbados sobre Governo* (1887) debate, por meio de um diálogo entre três personagens, parte dos dilemas do Japão oitocentista. No trabalho, o Cavalheiro da Educação Ocidental apoia a democracia radical e o pacifismo, já o Campeão do Oriente advoga pelo expansionismo militar e o imperialismo japonês e, por fim, o Mestre Nankai atua como mediador cético e se autodeclara abertamente imparcial, propondo reformas graduais baseadas no constitucionalismo. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho será problematizar essa noção de aparente imparcialidade de Mestre Nankai entendendo-a como uma estratégia retórica para contrapor extremismos. A nossa tese é a de que Nakae, por meio de Nankai, utiliza *O Discurso dos Três Bêbados sobre Governo* como principal ferramenta opinativa sobre a discussão política da época, criticando perspectivas opostas e enfatizando a necessidade de se adaptar as ideias ocidentais ao contexto local, rejeitando soluções que ele entendia como excessivamente simplistas. Por fim, cumpre destacar que a obra reflete as tensões da modernização Meiji, e os debates entre tradição e ocidentalização, alertando a sociedade para os perigos de projetos autoritários ou importações acríticas de modelos estrangeiros. Conclui-se que Nakae, ao invés de construir um texto desideologizado, defende um caminho pragmático, em que a transição para a democracia se apoia no cultivo a um *ethos* de moderação e reformas lentas, equilibrando inovação e identidade nacional.

Palavras-chave: Imparcialidade; Iluminismos; História do Japão; Século XIX.

Nakae Chōmin e o Japão na segunda metade do século XIX

A Era Meiji (1868–1912)¹ marcou uma transformação crucial na história do Japão, quando a nação saiu de séculos de isolamento sob o xogunato Tokugawa (1603–1868) para a modernidade sob influência ocidental. A queda do regime Tokugawa foi precedida por conflitos internos e pressões externas, particularmente das potências ocidentais, que buscavam abrir o Japão ao comércio. A chegada do Comodoro Matthew Perry, em 1853, e suas subsequentes demandas pela abertura dos portos japoneses evidenciaram as vulnerabilidades de um país que, por muito tempo, manteve uma política de isolamento nacional. Segundo Marius Jansen, à medida que o xogunato Tokugawa desmoronava, o caos político e o crescimento de sentimento anti-xogunato mobilizam diversas facções, incluindo samurais descontentes e mercadores influentes. Esse cenário culminou na Restauração Meiji de 1868, que restaurou o governo imperial sob o Imperador Meiji e buscou modernizar o Japão rapidamente para evitar sua subjugação por potências estrangeiras.

Durante este período de reformas, o Japão implementou um programa ambicioso de industrialização, modernização militar e reestruturação social. O governo estabeleceu uma Constituição, parcialmente inspirada em sistemas ocidentais, e buscou desenvolver uma identidade nacional enraizada tanto em valores tradicionais quanto em princípios modernos. Com isso, houve um forte foco na educação e na adoção de ciências, tecnologias e filosofias ocidentais, vistas como cruciais para a sobrevivência e o progresso do Japão. O surgimento do pensamento liberal durante esse período, consideravelmente influenciado por ideologias ocidentais, fomentou uma sociedade civil em expansão, que começou a sinalizar para o questionamento das estruturas tradicionais de poder. Ainda segundo Jansen, intelectuais e reformadores emergiram com o objetivo de conciliar a herança cultural do Japão com as demandas de um mundo em rápida transformação. Suas ações, moldadas tanto pelas tradições locais quanto pelas influências internacionais, desempenharam um papel significativo na formação do discurso sobre democracia, direitos e o papel do indivíduo dentro do Estado em construção.

Nesse sentido, anos de pressão externa e interna, bem como condições econômicas desfavoráveis, culminaram na Guerra Boshin, que sedimentou o fim do xogunato Tokugawa. O Japão então embarcou em um projeto ousado de industrialização, marcado pela execução de reformas sociais e pela adoção de ideias ocidentais. Isso levou a uma readequação de formas de

¹ As informações gerais sobre a Era Meiji foram retiradas de JANSEN, Marius. *Introduction. In: The Cambridge History of Japan. Volume 5: The nineteenth Century*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989, p. 1-49.

pensamento e tradições locais à nova realidade que se impunha, com o intuito de fortalecer o país frente às potências estrangeiras. Contudo, é fundamental destacar que o caminho para a modernização foi igualmente marcado por contradições. Embora o governo Meiji promovesse ideais que entendia como sendo de progresso, também suprimiu dissidências e vozes que buscavam reformas democráticas mais radicais. Um exemplo das tensões acima mencionadas foi a promulgação da “Lei de Preservação da Paz”, de 1887, com as autoridades reprimindo a dissidência política, revelando as lutas entre as aspirações por um sistema político participativo e as realidades de um governo com tendências autoritárias. Foi nesse cenário de mudanças rápidas e incerteza sobre o futuro do país que Nakae Chōmin viveu e escreveu suas obras.

Nakae nasceu na província de Tosa em 1847.² Era filho de um samurai de baixa patente (*ashigaru*), e, por conta disso, teve acesso à escola provincial na qual estudou clássicos chineses. Ele perdeu o pai ainda jovem, o que deixou sua família em uma situação financeira difícil. No decorrer de seus estudos, interessou-se pelos ensinamentos de Wang Yangming, uma escola de pensamento que influenciou diversos pensadores reformistas e democratas dos períodos Tokugawa e Meiji. Aos 16 anos de idade, já após a abertura do Japão, começou a estudar pensadores ocidentais, especialmente os holandeses e ingleses. Em 1865, foi selecionado pelo governo para estudar em Nagasaki, onde se especializou em filosofia francesa. Lá, ele entrou em contato com diversas figuras de destaque na política do período, entre elas Sakamoto Ryōma, um dos líderes do movimento que derrubou o xogunato Tokugawa. Em 1867, Nakae foi para Edo — que, após 1868, passou a se chamar Tokyo — para estudar francês. Ali, iniciou seus estudos na escola dirigida por Murakami Hidetoshi, um dos maiores estudiosos do pensamento francês durante o período Tokugawa; porém, logo foi expulso da escola, curiosamente em virtude de suas frequentes visitas aos bordéis da cidade. Mas isso não o impediu de continuar estudando francês; ele prosseguiu seus estudos com um missionário católico em Yokohama e chegou a trabalhar como intérprete para o ministro francês Leon Roches.

Um momento de inflexão na trajetória de Nakae se deu em 1869, quando ele trabalhava como diretor de uma escola de francês e inglês. Foi nesse momento que ouviu a notícia de que o governo estava selecionando estudantes para enviar ao exterior. Nakae então procurou Ōkubo Toshimichi, um político influente que ajudou na derrubada no xogunato, e se candidatou para estudar na França. Como consequência, em 1871, o Ministério da Justiça o enviou à Europa

² As informações biográficas de Chōmin foram retiradas de YAMAGUCHI, Kosaku. Nakae Chōmin: Liberalism and Nationalism. *St. Andrew's University Economic Review*. Osaka, v. 4, n. 12, p.145-218, 1962.

para estudar Direito. Entretanto, apesar de sua missão ser a de estudar legislação, ele acabou por se dedicar a estudar filosofia, história, literatura e a língua francesa. Para mais, em solo francês, ele teve contato com textos de diversos autores, entre eles Montesquieu, Voltaire, Condorcet, Mirabeau e Rousseau.³ Também foi na França que surgiu o seu interesse pelo jornalismo, profissão que ele viria a exercer posteriormente no Japão.

Com isso, após seu retorno ao Japão, em 1874, Nakae assumiu a posição de presidente da Escola de Línguas Estrangeiras de Tóquio — hoje Universidade de Estudos Estrangeiros de Tóquio—. e, em 1875, aceitou a posição de secretário em uma comissão criada pelo senado para traduzir *Les constitutions d'Europe et d'Amérique*, de Édouard Laferrière. Sua atuação nessas posições foi curta e ele abandonou a presidência da Escola de Línguas quando sua proposta de incluir textos confucionistas no currículo foi rejeitada, apenas três meses depois de assumir a posição. Em 1877, saiu da comissão por conta de conflitos com Mutsu Munemitsu, um político influente no Senado, e, em 1880, aliou-se com uma figura importante da cena intelectual da capital, o aristocrata de tendências progressistas Saionji Kinmochi, para fundar o *Jornal Livre do Oriente* (*Tōyō jiyū shimbun*)⁴. No entanto, o governo Meiji, incomodado com o envolvimento de um nobre como Saioniji em um jornal com tendências democráticas, forçou-o a abandonar o empreendimento.⁵ Mesmo com o fechamento do Jornal Livre, Nakae continuou a divulgar suas ideias, dessa vez em sua própria publicação, a *Revista de Ciências Políticas e Morais* (*Seiri Sōdan*), cuja primeira edição continha uma tradução da *Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão* e a segunda continha a famosa tradução de *O Contrato Social*, trabalho que inspirou seu pseudônimo, e lhe rendeu a alcunha de Rousseau do oriente.⁶

Nakae continuou gerenciando uma escola de filosofia francesa que fundou após abandonar a Escola de Línguas Estrangeiras de Tóquio e publicando em diversos jornais e revistas, entre eles o *Jornal do Partido Liberal*, de 1881 (*Jiyūto*). Devido a suas duras críticas ao governo, em 1887, com a “Lei de Preservação da Paz”, Nakae foi expulso de Tokyo e se mudou para Osaka, onde continuou a escrever contra o governo. Em 1889, foi promulgada a Constituição Imperial, com a qual Nakae ficou muito decepcionado e passou a esperar uma revisão completa pelo Parlamento que seria eleito no ano seguinte. Com esse objetivo, ele ajudou a fundar um novo partido com membros do antigo Partido Liberal dissolvido em 1884. Dessa forma, Nakae foi eleito em Osaka na primeira eleição em 1890, mas, frustrado com o

³ KAUFMAN-OSBORN, Timothy V. Rousseau in Kimono: Nakae Chōmin and the Japanese Enlightenment. *Political Theory*, v. 20, n. 1, p. 53-85, 1992, p. 56.

⁴ KAUFMAN-OSBORN, 1992, p.56.

⁵ YAMAGUCHI. 1962, p.155-156.

⁶ KAUFMAN-OSBORN, 1992, p.57.

Parlamento, renunciou ao cargo em 1891. Sua justificativa foi a seguinte: “irei renunciar pois sou um alcoólatra e não conseguiria participar das votações”.⁷

Após abandonar o parlamento, Nakae continuou escrevendo para jornais e, apesar de várias tentativas, nunca retornou ao governo. Ele também tentou diversas vezes se estabelecer como comerciante, mas nenhum de seus empreendimentos teve sucesso. Em 1900, foi diagnosticado com câncer na garganta e, sabendo que lhe restava pouco tempo de vida, escreveu os livros *Um Ano e Meio (Ichinen Yūhan)*, que falava sobre diversos assuntos, entre eles, a falha do movimento democrático no Japão; e, *Continuação de Um Ano e Meio (Zoku Ichinen Yūhan)*, em que falava sobre ateísmo. Em dezembro de 1901, Nakae Chōmin morreu em Tokyo.

O Rousseau japonês e *O Discurso dos Três Bêbados sobre Governo* (1887)

Publicado no Japão, em 1887, *O Discurso dos Três Bêbados sobre Governo* combina elementos literários e filosóficos para abordar questões centrais da política e sociedade do período Meiji. Escrito no formato de um diálogo entre três personagens – o Cavaleiro da Educação Ocidental, o Campeão do Oriente e o moderador, o Mestre Nankai – o livro oferece um debate entre os ideais de progresso, a preservação dos valores tradicionais japoneses e as exigências práticas da política. Por meio de uma discussão envolta em uma atmosfera descontraída de uma noite de bebidas, Nakae debate, por meio de suas personagens, questões cruciais, como a democracia, a soberania nacional e o papel do Japão no cenário internacional. A primeira das personagens, o Cavaleiro da Educação Ocidental é um defensor de ideais iluministas e da democracia e apresenta uma visão idealista e utópica de um futuro pacífico e igualitário. Em contraste, o Campeão do Oriente defende uma postura nacionalista, enfatizando a importância da força militar e de se estar pronto para a guerra. Já o Mestre Nankai atua como um mediador irônico, cético e supostamente imparcial, guiando a discussão sem impor uma conclusão definitiva, o que dá à obra um caráter reflexivo e aberto.

De toda maneira, *O Discurso dos Três Bêbados Sobre Governo* é uma obra que se insere na tradição literária japonesa de debates, em que, na maioria dos casos, duas personagens debatem sob a moderação de um terceiro. Em tese, isso concederia imparcialidade ao texto, legitimando-o perante a audiência como neutro.⁸ No entanto, o autor aborda o gênero de maneira inovadora. Diferente dos debates tradicionais, em que o moderador orientava os interlocutores para uma conclusão clara, o Mestre Nankai é representado como uma figura, a

⁷ YAMAGUCHI. 1962, p.158.

⁸ TRANINGER, Anita. *Taking Sides and the Prehistory of Impartiality*. In: MURPHY, Kathryn; TRANINGER, Anita. *The Emergence of Impartiality*. Leiden: Brill, 2013, p.48.

princípio, neutra e passiva, que evita impor verdades absolutas ou conduzir o debate a uma solução única. Sua presença destaca mais as tensões e ambiguidades das discussões do que uma resolução definitiva.

Além disso, a obra rompe com o formato convencional de perguntas e respostas característico do gênero, optando por longos monólogos que permitem aos personagens exporem suas ideias de maneira detalhada. O Cavalheiro, defensor do idealismo democrático e das ideias iluministas, tem a fala mais longa, quase o dobro da extensão do discurso do Campeão, que adota uma postura militarista e pragmática. Há aqui, portanto, uma pista das razões pelas quais se pode questionar a imparcialidade da obra, especialmente se considerarmos outros textos da mesma época, especialmente os associados a diferentes vertentes dos Iluminismos europeus, que emulavam debates políticos. Em obras como as de Hume e Voltaire, por exemplo, era comum que os diálogos ou monólogos tivessem exatamente a mesma extensão. Isso, no geral, dava aos autores certa garantia de que suas obras seriam interpretadas como isonômicas.⁹ Já o Mestre Nankai, embora fale menos, desempenha um papel fundamental ao sintetizar os argumentos e apontar as fragilidades de ambos os pontos de vista, sem julgar diretamente seus valores. Ao explorar múltiplos pontos de vista que se sobrepõem ou se contradizem, o *Discurso dos Três Bêbados sobre Governo* vai além de uma análise binária ou simplista. A obra não busca apresentar respostas definitivas, mas refletir sobre um processo incerto e alvitrar soluções para os dilemas políticos e sociais.¹⁰

Desse modo, o primeiro personagem a argumentar é o Cavalheiro, que, citando autores europeus, se afasta da noção confucionista de que o tempo é um constante declínio partindo de uma era de ouro.¹¹ Para ele, o tempo é, na verdade, uma marcha em direção à democracia e paz, e, para se chegar lá, deve-se passar por vários estágios. Com isso, o Cavalheiro endossa uma visão substantiva, tipicamente oitocentista, do processo histórico.¹² Para ele, no início da História, as pessoas viviam em cavernas e campos e, sem a presença de uma figura de autoridade, estavam à mercê da força uns dos outros. Cansados dessa forma de vida, os fracos abdicaram de seus direitos naturais para viver sob a proteção de um soberano, que tomou para si a responsabilidade de manter a ordem. Apesar de perda dos direitos da maioria, essa mudança representou um avanço em direção ao que o Cavalheiro entendia como esclarecimento¹³, pois,

⁹ PHILLIPS, Mark. *Society and Sentiment: Genres of Historical Writing in Britain (1740-1820)*. Princeton: Princeton University Press, 2000, p. 65.

¹⁰ TSUKUI, Nobuko, *Introduction*. In: CHOMIN, Nakae. *A Discourse by Three Drunkards on Government*. Nova York: Weatherhill, 1984, p.16.

¹¹ KAUFMAN-OSBORN, 1992, p.58.

¹² FILLION, Réal. *Philosophy of History: Speculative Approaches. Bloomsbury History: Theory and Method Articles*. London: Bloomsbury Publishing, 2021, p. 1.

¹³ Aqui utilizo “esclarecimento” como tradução para o termo *Enlightenment*.

em certo momento do século XVII, o Deus da evolução teria ascendido alguns povos europeus ao constitucionalismo. Esses povos, agora cientes dos direitos aos quais abdicaram, isto é, liberdade de expressão, religião, imprensa e propriedade perceberam o seu potencial. Porém, no constitucionalismo esse potencial não é alcançado plenamente e tal plenitude dependeria de uma associação dele à democracia. Nas palavras do Cavalheiro:

Como os chineses diriam, o constitucionalismo é um homem sábio, mas a democracia é um homem sacro. Ou, como diriam os indianos, o constitucionalismo é um bodhisattva, mas a democracia é um buda. O constitucionalismo deve ser respeitado, mas a democracia deve ser amada. O constitucionalismo é uma hospedaria da qual temos que partir mais cedo ou mais tarde. Apenas os fracos ou incapacitados não conseguem deixá-la. A democracia é um lar definitivo.¹⁴

O Cavalheiro argumenta também que os poderes econômicos e militares estariam dificultando a evolução do constitucionalismo para a democracia ao não reconhecer as implicações igualitárias do liberalismo que adotaram. Assim, o Japão não seria capaz de fazer o ocidente evoluir e deveria então adotar ele mesmo a democracia e abdicar de todas as suas armas, assumindo uma posição de superioridade moral que deixaria as potências europeias incapazes de atacá-lo.¹⁵

Já em oposição às ideias do Cavalheiro, o Campeão argumenta que as noções de progresso por ele apresentadas são pouco práticas e descoladas demais da realidade japonesa frente ao cenário mundial para terem efeito. Assim, caso o Japão adotasse a ideia de abandonar as armas, ele se tornaria um alvo fácil para invasões ocidentais. O Campeão afirma que, por mais que o Cavalheiro não goste, a guerra existe e, de certa forma, até mesmo os intelectuais travam guerras; nesse caso, utilizam a lógica como suas armas, tem o engano como seu inimigo e alcançar a verdade é o seu objetivo. Diante do novo contexto pós abertura do Japão, o Campeão divide a população em duas categorias: os nostálgicos e os entusiastas das novidades. Os entusiastas valorizam o comércio, a moral e as leis trazidas pelo ocidente. Já os nostálgicos, cada vez com menos espaço, seguiam apreciando a vida antes da abertura do país e lutavam para manter seu sentimento em relação ao passado vivo.¹⁶

¹⁴ CHOMIN, Nakae. *A Discourse by Three Drunkards on Government*. Nova York: Weatherhill, 1984, p.59. Tradução do autor de: “Mr. Gentleman’s ideas are pure and righteous; Mr. Champion’s ideas are uninhibited and extraordinary. Mr. Gentleman’s ideas are strong liquor that makes me dizzy. They make my head swim. Mr. Champion’s ideas are harsh poison that rends my stomach and rips my intestines. I am an old man. My deteriorating brain cannot possibly grasp or digest your ideas. Both of you should keep up with your efforts, and when the time comes, test your ideas in the real world. I’d be most content simply to observe.”

¹⁵ KAUFMAN-OSBORN, 1992, p.58-61.

¹⁶ KAUFMAN-OSBORN, 1992, p.61-63.

O Campeão, apesar de se considerar um nostálgico, reconhece que “o elemento da novidade é como carne viva, e o elemento nostálgico como um câncer”¹⁷. Ele ainda reconhece que, para se adequar à nova forma de civilização que surge aos moldes do ocidente, o Japão precisava de dinheiro, e para consegui-lo deveria abandonar os velhos costumes, se ocidentalizar e expurgar o câncer que era o elemento nostálgico. Portanto, em sua avaliação, os nostálgicos que desejariam o bem do país deveriam se exilar e, seguindo seus valores militaristas oriundos do passado, invadir a China para tomar seus recursos naturais e estabelecer uma sociedade na qual seus valores poderiam prosperar. Essa seria uma estratégia sem falha, pois, mesmo caso a invasão falhasse, o elemento nostálgico teria sido removido da sociedade japonesa.¹⁸ Em nossa análise, isso está expresso na seguinte citação:

Rezo para que eu possa me retirar de forma a não prejudicar para sempre a carne viva da nação. E não há lugar melhor para levar o câncer do que aquele grande país na África ou na Ásia cujo nome esqueci. Portanto, eu, junto com duzentos ou trezentos mil outros “pacientes com câncer”, iremos para esse país. Se formos bem-sucedidos, usurparemos a terra, fincaremos raízes firmes lá e estabeleceremos o que pode ser chamado de ‘sociedade do câncer’. Se não formos bem-sucedidos, exporemos nossos corpos no campo de batalha e deixaremos nossos nomes em terras estrangeiras. Mas, independentemente de termos ou não sucesso, teremos alcançado o objetivo de remover o câncer da nação. Essa política mataria dois coelhos com uma cajadada só. Portanto, minha primeira proposta é reunir todos os homens aptos do país e nos mudar para aquele grande território. Ao tomá-lo, transformariamos nossa nação de pequena para grande, de fraca para forte e de pobre para rica. Então, pagaremos uma grande soma de dinheiro para comprar os frutos da civilização e, com um salto, tentaremos competir com as nações europeias.¹⁹

Tais ideias, que parecem extremas, são em seguida apresentadas ao suposto julgamento imparcial do Mestre Nankai, que rapidamente decepçiona os convidados com a seguinte resposta:

As ideias do Sr. Cavalheiro são puras e justas; as ideias do Sr. Campeão são desinibidas e extraordinárias. As ideias do Sr. Cavalheiro são como bebida forte que me deixa tonto. Elas fazem minha cabeça girar. As ideias do Sr. Campeão são um veneno amargo que rasga meu estômago e dilacera meus

¹⁷ CHOMIN, Nakae. *A Discourse by Three Drunkards on Government*. Nova York: Weatherhill, 1984, p.56. Tradução do autor de: “The element of novelty is like living flesh, and the nostalgic element is like a cancer.”

¹⁸ KAUFMAN-OSBORN, 1992, p.63-64.

¹⁹ CHOMIN, Nakae. *A Discourse by Three Drunkards on Government*. Nova York: Weatherhill, 1984, p.56. Tradução do autor de: “I pray that I may cut myself out so as not to harm the living flesh of the nation forever. And there’s no better place to remove the cancer than to that large country in Africa or Asia whose name I’ve forgotten. Therefore, I, together with two or three hundred thousand fellow ‘cancer patients,’ will go to that country. If we’re successful, we will usurp the land, take firm root there, and establish what may be called a ‘cancer society.’ If we don’t succeed, we will expose our dead bodies on the battlefield and leave our names in a foreign land. But whether we succeed or not, we will have achieved the goal of removing the cancer for the good of the nation. This policy would kill two birds with one stone. Therefore, my first proposal is to gather all the able-bodied men of the land and move into that big country. By seizing it, we would change our nation from small to large, from weak to strong, and from poor to rich. Then we’ll pay a huge sum of money to buy the fruits of civilization, and with one bound will attempt to compete with the European nations. The second proposal is to put our domestic affairs.”

intestinos. Sou um homem velho. Meu cérebro deteriorado não pode compreender ou digerir suas ideias. Ambos deveriam continuar com seus esforços e, quando chegar a hora, testar suas ideias no mundo real. Ficaria mais satisfeito apenas observando.²⁰

Nankai continua e diz que as ideias de seus convidados são impraticáveis. Em sua análise, as do Cavaleiro mostram potencial para o futuro, mas pouco para o agora; por sua vez, as do Campeão são resquícios do passado sem uso para o momento atual. A noção de mestre Nakai sobre o que seria uma política “válida para o agora” se assemelha às opiniões de autores moderadamente conservadores e críticos da ideia revolução, como Burke e Tocqueville. Isso se dá na medida em, assim como eles, que temia excessos originados de parte de conjuntos de ideais costumeiramente entendidos como Iluministas. Contudo, recruta também porções dos argumentos neo-confucionistas, especialmente no tocante à racionalidade e à praticidade.²¹ Na ponta, o discurso do Mestre Nankai mescla elementos do *topos* oitocentista tipicamente ilustrado da imparcialidade e aspectos da perspectiva oriental neo-confucionista, que privilegiava uma espécie de síntese argumentativa resultante da dialética entre polos opostos.

No que diz respeito ao neo-confucionismo chinês, ele emergiu no século XI como uma reação ao Budismo e ao Taoísmo e foi um movimento filosófico rico em debates e divergências. Longe de ser homogêneo, ele abrigava visões distintas sobre como compreender e viver de acordo com princípios éticos. Segundo Timothy Kaufan-Osborn, um dos debates mais importantes desse movimento teve início com filósofos chineses Cheng Hao e Cheng Yi, que divergiam sobre a interpretação de um conceito central do *Grande Aprendizado*: a ideia de investigar as coisas. Para Cheng Yi, o aprendizado deveria começar com o estudo detalhado do mundo externo, buscando compreender os princípios universais que regem a realidade. Já Cheng Hao adotava uma abordagem mais introspectiva, acreditando que a compreensão dos princípios vinha de uma conexão direta com a mente e com a experiência humana.²²

Essas ideias foram revisitadas no século XII por Chu Xi, um dos pensadores mais influentes da dinastia Song. Chu Xi adotou uma visão racionalista e dualista, separando o *li* – princípios universais e puros – do *chi*, a substância vital que forma o mundo material. Para ele, o aprendizado começava com a compreensão desses princípios, que eram pré-existentes às

²⁰ CHOMIN, Nakae. *A Discourse by Three Drunkards on Government*. Nova York: Weatherhill, 1984, p.59. Tradução do autor de: “Mr. Gentleman’s ideas are pure and righteous; Mr. Champion’s ideas are uninhibited and extraordinary. Mr. Gentleman’s ideas are strong liquor that makes me dizzy. They make my head swim. Mr. Champion’s ideas are harsh poison that rends my stomach and rips my intestines. I am an old man. My deteriorating brain cannot possibly grasp or digest your ideas. Both of you should keep up with your efforts, and when the time comes, test your ideas in the real world. I’d be most content simply to observe.”

²¹ KAUFMAN-OSBORN, 1992, p.65.

²² KAUFMAN-OSBORN, 1992, p.65.

coisas concretas. Por exemplo, antes mesmo de existir uma relação entre governante e governado, já existia o *li* que definia essa relação. Chu Xi acreditava que o estudo disciplinado era o caminho para alcançar essa compreensão. Esse conhecimento deveria, então, guiar a prática moral, como se o mundo material fosse moldado por esses princípios superiores. Ainda segundo Kaufman-Osborn, Chu Xi defendia que a mente humana, composta tanto de *li* quanto de *chi*, só alcançaria sua verdadeira natureza ao superar as limitações do corpo e compreender os princípios que governam a realidade.²³

Foi somente no século XV que Wang Yangming trouxe uma visão diferente, desafiando a abordagem de Chu Xi. Para Wang Yangming, os princípios éticos não eram algo externo ou separado do mundo, mas estavam presentes na própria experiência cotidiana. Ele acreditava que razão, emoção e ação eram manifestações de uma unidade primordial que conectava o céu, a humanidade e a terra. Para ele, entender essa unidade significava compreender que o aprendizado ético só se realizava por meio da prática concreta.²⁴ Essa perspectiva surgiu, em parte, da sua preocupação de que os seguidores de Chu Xi isolar-se-iam da sociedade e somente em prol da ética abstrata separada da realidade. Wang Yangming argumentava que o aprendizado não deveria se desconectar das preocupações cotidianas, mas sim estar integrado a elas. Focado na questão da ética, ele desafiou a ideia de que o aprendizado dependia da verbalização ou da teoria. Ele afirmava que os princípios éticos não podiam ser completamente expressos em palavras, pois sua essência estava na prática e na experiência. Saber falar sobre virtudes como a piedade filial não era suficiente para demonstrar compreensão — era necessário viver essas virtudes por meio de ações concretas e sinceras.²⁵

Nesse sentido, é na resposta ao Cavalheiro que vemos de forma mais clara o uso que mestre Nankai faz dos ensinamentos de Wang Yangming. O Cavalheiro ignora as circunstâncias que levaram a Europa e o Japão às suas respectivas posições e estabelece no Deus da Evolução um caminho único a uma espécie de esclarecimento, o que Kant chamou de *Aufklärung*.²⁶ Entendemos aqui que Cavalheiro parece estar sinalizando que o Japão poderia se caminhar para o que poderíamos associar a algo como um Iluminismo japonês. Isso porque, para ele, o Japão se encontrava em uma posição desfavorável em relação à Europa visto que estaria em estágio histórico anterior no caminho em direção ao progresso. Novamente revelando uma visão da História como conceito substantivo, ou seja, como um processo vetorial

²³ KAUFMAN-OSBORN, 1992, p.65-66.

²⁴ KAUFMAN-OSBORN, 1992, p.68.

²⁵ KAUFMAN-OSBORN, 1992, p.66-68.

²⁶ KANT, Immanuel. Resposta à pergunta “o que é esclarecimento”? São Paulo: Penguin-Companhia, 2022.

direcionado ao progresso — uma visão tipicamente Iluminista da História —, ele afirmava que o Japão só se tornaria um país legítimo quando, seguindo o caminho do Deus da evolução, abraçasse as virtudes e ideais europeus com os quais Nakae teve contato em textos franceses.

Curiosamente, Mestre Nankai responde a essa ideia afirmando que ela não possui base na realidade. Parece-nos que realidade aqui é uma dimensão habitada pelas experiências que, na escola de aprendizado de Wang Yangming, se tornam objetos de investigação. Assim, para Nankai, as ideias virtuosas do Cavaleiro não poderiam ser implementadas de um dia para o outro; antes elas deveriam se tornar populares e criar raízes na mente das pessoas.²⁷ Nankai argumenta que o Deus da evolução tem muitas preferências e que, ao tentar implementar a democracia sem se atentar ao contexto, o Cavaleiro apenas o irritaria.

Ele preferia o feudalismo na época do feudalismo. Agora que existem condados e prefeituras, ele apoia condados e prefeituras. Ele defende o isolamento nacional em tempos de isolamento e o comércio em tempos de atividade comercial. Ele aprecia tanto cevada e arroz cozidos quanto bifes. Saboreia tanto o saquê não refinado quanto o vinho. Gosta tanto dos cabelos trançados quanto dos cabelos soltos. Ama tanto as aquarelas monocromáticas de Chen Shitian quanto as pinturas a óleo de Rembrandt. De fato, o deus da evolução é o maior amante da diversidade no mundo.

Mas devemos lembrar de uma coisa que o deus da evolução definitivamente odeia. [...] E o que exatamente o deus da evolução odeia? Nada além de falar e agir sem levar em consideração o tempo e o lugar.²⁸

Mestre Nankai aponta que as ideias de seus convidados, apesar de parecerem incompatíveis, partem de uma mesma ansiedade, o desejo que o Japão fique em pé de igualdade com a Europa. Um defende que o Japão se torne uma pequena Europa na Ásia e o outro defende que o Japão defenda suas tradições a todo custo revelando sua grandeza própria.²⁹ Ao ser questionado pelos seus convidados sobre suas ideias, Mestre Nankai afirma o seguinte:

Eu simplesmente estabeleceria o constitucionalismo, reforçaria a dignidade e a glória do imperador acima e aumentaria a felicidade e a paz de todo o povo abaixo. Criaria as Câmaras Alta e Baixa no Parlamento. Os aristocratas seriam designados para a Câmara Alta e a adesão seria hereditária. Os membros da Câmara Baixa seriam escolhidos por eleição. Isso é tudo. Quanto aos detalhes,

²⁷ KAUFMAN-OSBORN, 1992, p.68-71.

²⁸ CHOMIN, Nakae. *A Discourse by Three Drunkards on Government*. Nova York: Weatherhill, 1984, p.60. Tradução do autor de: “He preferred feudalism in the feudal period. He favors counties and prefectures now that there are counties and prefectures. He favors national isolation in times of national isolation and trade in times of active commerce. He relishes boiled barley and rice as well as steak. He savors unrefined sakè as well as wine. He likes braided as well as tumbling hair. He loves the monochromatic watercolors of Chen Shitian as well as the oil paintings of Rembrandt. Indeed, the god of evolution is the world’s greatest lover of variety. But we should remember one thing that the god of evolution definitely hates. [...] Just what is it that the god of evolution hates? Nothing other than talking and acting without regard to time and place.”

²⁹ KAUFMAN-OSBORN, 1992, p.72.

deveríamos examinar as constituições existentes da Europa e da América e adotar o que deve ser adotado.³⁰

Decepcionados, os convidados afirmam que a ideia de Mestre Nankai não é nada original, ao que ele responde:

Em uma conversa informal, não há mal algum em buscar novidades ou excentricidades, ou mesmo em fazer uma piada para entretenimento momentâneo. No entanto, ao discutir um tema tão sério quanto o plano mestre para os próximos cem anos do nosso país, como poderíamos tratar isso levianamente, buscando deliberadamente o incomum ou a novidade apenas por capricho? ³¹

Por isso, entende-se que *O Discurso dos Três Bêbados sobre Governo* é uma obra útil para entender os dilemas políticos e filosóficos do Japão no período Meiji. Por meio do debate entre idealismo, militarismo e pragmatismo, Nakae não oferece respostas definitivas, mas convida à reflexão sobre o futuro da nação e os desafios da modernização. Ele rejeita soluções simplistas e enfatiza a necessidade de considerar o tempo e o contexto ao formular políticas. Mestre Nankai propõe uma visão cautelosa, que não se rende cegamente nem ao pensamento ocidental nem ao tradicionalismo. Vale frisar que Nakae Chōmin e Mestre Nankai possuem muitas semelhanças. Além da pronúncia similar dos seus nomes, eles compartilham também o amor pelo álcool. Mestre Nankai é descrito como um amante de bebidas que, quando bebe, se enche de ideias e se vê como uma “bússola para o mundo”.

Mestre Nankai ama beber e discutir política. Quando bebe apenas uma ou duas pequenas garrafas de saquê, sente-se agradavelmente embriagado - seu ânimo se eleva, e ele tem a sensação de estar voando pelo universo. Tudo o que vê e ouve o encanta; parece impensável que deva haver sofrimento no mundo.

Quando bebe mais duas ou três garrafas, seu espírito subitamente se eleva ainda mais, e ideias começam a surgir sem restrições. Embora seu corpo permaneça em seu pequeno quarto, seus olhos percorrem o mundo inteiro. Num instante, viaja mil anos para o passado ou avança mil anos no futuro, traçando o rumo do mundo ou ditando diretrizes para a política pública. Nesses momentos, pensa consigo mesmo: "Sou a bússola da sociedade humana. É uma grande pena que os políticos míopes do mundo assumam o leme de

³⁰ CHOMIN, Nakae. *A Discourse by Three Drunkards on Government*. Nova York: Weatherhill, 1984, p.66. Tradução do autor de: "I would simply establish constitutionalism, reinforce the dignity and glory of the emperor above and increase the happiness and peace of all the people below. I would establish Upper and Lower houses of Parliament. Aristocrats would be assigned to the Upper House and membership would be hereditary. Members of the Lower House would be chosen by election. That's all. As for detailed statutes, we should examine the existing constitutions of Europe and America and adopt what should be adopted."

³¹ CHOMIN, Nakae. *A Discourse by Three Drunkards on Government*. Nova York: Weatherhill, 1984, p.66. Tradução do autor de: "On a topic meant for casual conversation, there is no harm in competing for novelty or strangeness, or in making a joke for temporary amusement. But in discussing such a topic as the master plan for our country's next hundred years, how could we amuse ourselves by consciously seeking the bizarre or by stressing novelty for its own sake?"

maneira descuidada, fazendo com que o navio colida com as rochas ou encalhe em águas rasas, trazendo calamidade para si mesmos e para os outros."

[...]

Mas, se Mestre Nankai bebe mais duas ou três garrafas, seus ouvidos começam a zumbir e sua visão se obscurece. Ele agita os braços e bate os pés no chão. Dominado pela excitação, acaba desmaiando. Quando recobra a consciência após duas ou três horas de sono, não se lembra de nada do que disse ou fez enquanto estava embriagado, como se tivesse sido libertado da possessão pelo proverbial raposo da loucura.³²

Nakae também era um apreciador de bebidas e conhecia bem a vida boêmia já foi expulso da primeira escola em que estudou francês por esse motivo e mais tarde renunciou ao seu cargo no parlamento com o seu autoproclamado alcoolismo como motivo. A premissa da história também parece algo que poderia ter acontecido com Nakae e Mestre Nankai diz no início do texto:

Da próxima vez que eu falar sobre problemas nacionais, devo escrever cuidadosamente os pontos principais antes de ficar muito bêbado. Depois, posso olhar o que escrevi, desenvolver melhor minhas ideias e escrever um pequeno livro. Tal livro não só será um prazer para mim, mas também pode agradar aos outros. Sim. Eu vou fazer isso.³³

No fim do livro é estabelecido que o texto foi escrito por Mestre Nankai cerca de dez dias após o debate³⁴. Portanto, não seria exagero considerar mestre Nankai como uma autoinserção do autor no texto. Esse suposto autorretrato, porém, é exagerado e repleto de ironia, uma espécie de caricatura. Nakae utiliza essa figura, muitas vezes cômica, como fio condutor do texto e sua aparente imparcialidade é utilizada como estratégia para compor e legitimar os argumentos apresentados perante sua audiência.

A imparcialidade como estratégia de legitimação dos argumentos

³² CHOMIN, Nakae. *A Discourse by Three Drunkards on Government*. Nova York: Weatherhill, 1984, p.26. Tradução do autor de: "Master Nankai loves drinking and discussing politics. When he drinks only one or two small bottles of sakè, he is pleasantly intoxicated—his spirits are high and he feels as if he were flying through the universe. Everything he sees and hears delights him; it seems unthinkable that there should be suffering in the world. When he drinks two or three more bottles, his spirits suddenly soar even higher, and ideas spring up, unrestrained. Although his body remains in his small room, his eyes scan the whole world. They instantly go back a thousand years, or else span the next thousand, charting the direction for the world's course or giving instructions for public policy. At such times, he thinks to himself, "I am the compass for human society. It's a great pity that the world's nearsighted politicians haphazardly take control of the rudder and cause the ship to strike a rock or to be grounded in shallow water, thus bringing calamity upon themselves and others." [...] But if Master Nankai drinks two or three additional bottles, his ears begin to ring and his eyes grow blind. He swings his arms and stamps his feet on the floor. Overcome with excitement, he falls down unconscious. When he comes to his senses after two or three hours' sleep, he has completely forgotten what he said or did while drunk, and seems to have been freed from his possession by the proverbial fox of madness."

³³ CHOMIN, Nakae. *A Discourse by Three Drunkards on Government*. Nova York: Weatherhill, 1984, p.26. Tradução do autor de: "Next time I talk about national problems, I should carefully write down the main points before I get too drunk. Then later I can look at what I have written, develop my ideas further, and write a short book. Such a book will not only be a pleasure for me but it may also please others. Yes. I'll do it."

³⁴ CHOMIN, 1989, p.66.

Já se disse que Mestre Nankai é apresentado como uma figura imparcial, no entanto, como asseveraremos nesta seção, sua aparente imparcialidade é, na verdade, um instrumento retórico do autor. Nakae Chōmin cria argumentos complexos tanto para o Cavalheiro quanto para o Campeão. Como se sabe, a prática de emular os dois lados de uma discussão é uma prática retórica muito antiga, podendo ser encontrada desde a Grécia Antiga. A principal inspiração de Nakae parece estar na recepção japonesa da literatura Renascentista de diálogos, em que era comum encontrarmos personagens fictícios que, como mestre Nankai, mediavam um debate que se queria verossímil entre duas partes.

Nesse sentido, a dialética se revelava essencial para o desenvolvimento literário de certas formas de pensamento filosófico, e a técnica de contraposição de pontos de vista era amplamente utilizada. Como argumenta Anita Traninger, a educação retórica na Antiguidade enfatizava a versatilidade no discurso, não para promover um equilíbrio imparcial, mas para desenvolver a capacidade de forjar argumentos convincentes e legítimos. O ideal do orador era ser capaz de argumentar de maneira eficaz em ambos os lados de uma questão, o que, paradoxalmente, poderia ser visto como uma forma de “parcialidade desinteressada”; ou seja, a habilidade de argumentar sem apego emocional a uma posição específica.³⁵

Essa prática retórica ganhou muitos contornos diferentes ao longo do tempo e, no Renascimento, tornou-se tão amplamente utilizada que criou um gênero literário particular: o dialógico. Esses textos criavam um espaço para a exploração de ideias sem a necessidade de resolução definitiva. Os diálogos de humanistas tão distintos quanto Leonardo Bruni e Lorenzo Valla são exemplos dessa tendência. Nela as conversas são encenadas em um ambiente que permite a ambiguidade e a pluralidade de vozes, refletindo o cultivo de uma cultura humanista emergente e que valorizava a comunicação e a troca de ideias. Além disso, os diálogos renascentistas frequentemente se envolviam em um jogo de contrastes entre opiniões reais e posições defendidas no texto. Por exemplo, figuras como Niccolò Niccoli poderiam adotar uma postura crítica apenas para provocar uma resposta de seus interlocutores. Essa prática não apenas enriquece o debate, mas também desafia as noções de autoridade, à medida que se torna difícil discernir entre o que é uma opinião genuína e o que é uma construção retórica. Ainda segundo Traninger, na esfera mais ampla da literatura, o diálogo Renascentista estabelece uma polifonia de vozes que resiste a ser reduzida a uma única mensagem. Essa multiplicidade de perspectivas é uma característica central que permitia uma reflexão mais profunda sobre os temas debatidos.³⁶

³⁵ TRANINGER, 2013, p.33-35.

³⁶ TRANINGER, 2013, p.46-53.

Dito isso, argumenta-se aqui que *O Discurso dos Três Bêbados sobre Governo* segue um formato similar aos debates Renascentistas na medida em o autor emula argumentos longos, complexos e opostos. A figura mediadora, mestre Nankai, a princípio, se autodeclara imparcial, criando um ambiente em que seus convidados se sintam à vontade para argumentarem livremente e, em algumas ocasiões, agindo para impedir interrupções e reforçar sua disposição em ouvir e mediar o contraditório. Ao que nos parece, Nakae Chōmin, dessa forma, permite que o leitor se deixe ou não convencer pelas personagens. Porém, o que direcionaria os leitores para partilharem das opiniões moderadas de Mestre Nankai, a voz de Nakae no texto, seria o fato de que os argumentos e análises apresentados pelas outras duas personagens não são construídos para serem totalmente convincentes — ambos são propositalmente exagerados. Por exemplo, Nakae parece não acreditar que uma invasão de outro país seja uma solução para a vulnerabilidade militar do Japão e nem deseja convencer os seus leitores de que o seja. O contraste entre as crenças do Cavalheiro e do Campeão também são grandemente exagerados e isso fica explícito em suas visões sobre a guerra.

Assim, o Campeão, além de ver a guerra como um prazer, vê nela uma solução para a divisão entre o povo japonês; os conservadores nostálgicos poderiam ir à guerra e conquistar um país para eles próprios (ainda que subordinado ao Japão) e deixar que os entusiastas estabeleçam a democracia no Japão.³⁷ Dessa forma, a nação criaria um exército forte e não correria mais o risco de uma invasão por uma potência ocidental. Em oposição, o Cavalheiro acreditava que ao adotar a democracia plenamente e abolir completamente seu exército o Japão alcançaria uma espécie de superioridade moral e assim nenhuma nação ousaria atacá-lo. Assim, em uma tentativa de mediação, Mestre Nankai resume as ideias de seus convidados da seguinte forma:

Vamos resumir as ideias do Cavalheiro. O sistema de democracia e igualdade é o mais puro e perfeito de todos os sistemas, e todas as nações do mundo certamente o adotarão mais cedo ou mais tarde. Como uma nação pequena e fraca nunca poderá aspirar a uma política que garanta riqueza nacional e força militar, ela deve rapidamente adotar esse sistema perfeito e puro. Deve abolir seu exército e marinha, abandonar suas defesas — que, de qualquer forma, não chegam a um décimo de milésimo das nações fortes — e se apoiar em princípios morais intangíveis. Ao promover entusiasticamente o aprendizado, a pequena nação pode se tornar como uma obra de arte meticulosamente esculpida, que as nações poderosas irão admirar e não terão coragem de violar.

Agora, vamos resumir as ideias do Campeão. As nações europeias estão focadas na competição militar. Quando uma guerra explodir, é provável que o desastre se espalhe para a Ásia. Portanto, uma nação pequena e fraca deve tomar medidas drásticas: todos os homens aptos do país, armados para a

³⁷ CHOMIN, 1989, p.48.

batalha, devem conquistar aquele grande território sem nome para abrir vastas novas terras. Sem essa iniciativa, mesmo que tentemos organizar nossos assuntos internos, seremos forçados a eliminar qualquer amante da nostalgia que atrapalhe as reformas. Assim, o plano de invadir essa terra estrangeira deve ser posto em prática.³⁸

Vemos, portanto, que os dois aceitam as reformas como algo necessário. Já mestre Nankai não diz se concorda ou não com a implementação da democracia, declara apenas que apoia a implementação do constitucionalismo. Em nosso ponto de vista, para o Mestre Nankai, a partir de uma leitura Tocquevilliana do mundo e da História, a marcha para a democracia era inexorável e o motor do processo histórico em uma concepção da História como conceito substantivo. Ou seja, parece não fazer muito sentido endossá-la ou não já que era inexorável. Porém, o constitucionalismo era objeto de debate no presente e, para Chōmin, seu texto parece ser um importante instrumento de convencimento de seus leitores da importância de tal modelo. Cumpre destacar que quando se olha para o texto em sua totalidade, podemos dizer que Nakae Chōmin é simpático à democracia e a favor de sua implementação gradual, isto é, não revolucionária. Novamente, isso parece estar de acordo com uma visão Tocquevilliana da História, especialmente se levarmos em conta parte dos argumentos contidos em *O Antigo Regime e a Revolução* (1856).

Uma passagem representativa de tal suspeição nossa faz-se presente quando Mestre Nankai diz ao Cavalheiro:

Ideias são sementes plantadas no campo da mente. Se você realmente ama a democracia, fale sobre ela, escreva livros sobre ela e semeie suas ideias na mente do povo. Então, em alguns séculos, a democracia pode florescer por todo o país. Hoje, as raízes da soberania e da aristocracia ainda estão profundamente fixadas na mente do público. Não é um erro tentar colher imediatamente uma grande colheita de democracia apenas porque a semente da democracia já brotou em sua própria mente?³⁹

³⁸ CHOMIN, Nakae. *A Discourse by Three Drunkards on Government*. Nova York: Weatherhill, 1984, p.59. Tradução do autor de: “Let’s summarize the Gentleman’s ideas. The system of democracy and equality is the purest and most perfect of all systems, and all the nations of the world will surely adopt it sooner or later. Since a small, weak nation can never hope for a policy that ensures national wealth and military strength, it should quickly adopt this perfect and pure system. It should abolish its army and navy, abandon its defenses that amount to less than a tenthousandth of those of the strong nations anyway, and stand on the basis of intangible moral principles. By enthusiastically promoting learning, the small nation can make itself like a precisely sculpted work of art that strong nations will love, and they will be unable to find it within themselves to violate it. “Mr. Champion’s views should also be summarized. European nations are concentrating on military competition. Once an explosion occurs, the disaster will likely spread to Asia. Therefore, a small and weak nation should take drastic measures: all the able-bodied men of the country, battle armed, should conquer that large unnamed country in order to open up vast new territory. Without such a step, even if we tried to put our domestic affairs in order, we would be forced to eliminate any lovers of nostalgia who would hinder the work of reform. Thus, the plan to invade this foreign land must be implemented.”

³⁹ CHOMIN, Nakae. *A Discourse by Three Drunkards on Government*. Nova York: Weatherhill, 1984, p.62. Tradução do autor de: “ideas are seeds planted in the field of the mind. If you truly love democracy, talk about it, write books about it, and sow its seeds in the minds of the people. Then, in several hundred years, democracy

É aqui que Mestre Nankai constroi uma espécie de síntese dialética em favor da democracia como forma de governo a ser implementada gradualmente. Isso abre espaço para a abordagem da divergência no que diz respeito às questões militares. Esse passa a ser então o grande foco das críticas de Mestre Nankai e, conseqüentemente de Nakae. Sobre o militarismo, Mestre Nankai pondera:

Se nossos soldados asiáticos, no fim das contas, não forem páreo para os soldados europeus, é inevitável que tanto a nação democrática do Sr. Cavalheiro quanto a nova e expandida nação do Sr. Campeão acabem caindo. Certamente, não tenho nenhum grande plano mestre. Mas não estou sozinho. Grã-Bretanha, França e outras potências atacam umas às outras ou se defendem, mas também não têm um plano mestre. Em resumo, embora nossas tropas asiáticas não sejam suficientes como forças de invasão, elas são, de fato, adequadas para a defesa. Portanto, se educarmos bem nossos soldados, fizermos com que treinem regularmente e mantivermos seu moral elevado em tempos de paz, por que deveríamos nos preocupar em não conseguir nos defender em tempos de guerra? Por que deveríamos seguir o Sr. Cavalheiro e esperar para ser mortos sem oferecer resistência? Ou por que deveríamos provocar a hostilidade de nossos vizinhos seguindo o plano do Sr. Campeão?

É claro que não faço ideia de qual país o Sr. Campeão se refere quando menciona 'uma certa grande nação da África ou da Ásia'. Mas, se essa nação estiver na Ásia, deveríamos nos aliar a ela e nos tornarmos nações irmãs, jurando ajudar uma à outra em caso de emergência. Dessa forma, poderemos nos salvar do perigo. É, sem dúvida, uma política ruim pegar em armas de forma precipitada, provocar nossos vizinhos e criar inimigos sem necessidade, levando cidadãos inocentes a morte.⁴⁰

É importante reforçar que os argumentos exagerados dos convidados são uma grande provocação retórica, não muito diferente das de Niccolò Niccoli, usadas para avançar o texto e construir um argumento central. A imparcialidade de mestre Nankai também é um instrumento retórico. Nakae, como acusado pelos seus próprios personagens, não chega a nenhuma conclusão inovadora; no fim, a única conclusão concreta é a negação dos extremismos dos convidados e o estímulo ao cultivo de um *ethos* de polidez nas discussões sobre história e

might flourish all over the country. Today, the plants of the sovereign and aristocrats are still rooted in the public mind. Isn't it wrong to try to gather a rich harvest of democracy immediately, simply because the seed of democracy has sprouted in your own brain?"

⁴⁰ CHOMIN, Nakae. *A Discourse by Three Drunkards on Government*. Nova York: Weatherhill, 1984, p.64. Tradução do autor de: "If our Asian soldiers are ultimately no match for European soldiers, it is inevitable that Mr. Gentleman's democratic nation and Mr. Champion's new and enlarged nation would both fall. I certainly don't have any great master plan. But I'm not alone. Great Britain, France, and the others attack one another or defend themselves, but they don't have a master plan either. In short, although our Asian troops are not sufficient as invading forces, they are indeed sufficient as defense forces. Therefore, if we educate our soldiers well, make them practice regularly, and keep their morale high in times of peace, why should we worry that we cannot defend ourselves in times of war? Why should we follow Mr. Gentleman and wait to be killed without attempting any resistance? Or why should we incur our neighbor's hostility by following Mr. Champion's plan? "Of course, I have no idea which country Mr. Champion refers to as a certain large nation of Africa or Asia. But if that nation is in Asia, we should ally ourselves to it, and become brother nations sworn to help each other in an emergency. Thereby we can save ourselves from danger. It is indeed a poor policy to take up arms blindly, to provoke our neighbors and make enemies thoughtlessly, and to cause innocent citizens to die from bullet wounds."

política. Mestre Nankai aponta a invasão militar, a abdicação militar e a implementação apressada da democracia como ideias ruins para o país e demonstra aos leitores como é possível chegar a tais discussões a partir de uma síntese dialética moderada oriunda de um debate acalorado e exagerado, porém respeitoso, entre ideias opostas.

Assim, *O Discurso dos Três Bêbados sobre Governo* não busca impor uma resposta definitiva, mas sim estimular a reflexão sobre os desafios do Japão diante das transformações da Era Meiji. Os discursos do Cavaleiro e do Campeão, carregados de exageros, servem como provocação para ilustrar os riscos dos extremos, enquanto Mestre Nankai, sob uma aparente imparcialidade, desmonta essas visões radicais e sinaliza para um caminho mais equilibrado. Nakae Chōmin não rejeita a modernização ou a democracia, mas argumenta que mudanças profundas não podem ser implantadas de maneira abrupta, sem levar em conta a realidade social e histórica do país. Em suma, *O Discurso dos Três Bêbados sobre Governo* foi o seu instrumento de posicionamento político e intervenção no debate contemporâneo. Longe de ser um texto desideologizado, por assim dizer, é um trabalho que refletia assim como os de Voltaire, Hume e Robertson as opiniões moderadas do autor. Dessa forma, a obra não oferece respostas prontas, mas convida o leitor a ponderar sobre a melhor forma de conciliar a tradição e progresso no processo histórico, sem cair na ilusão de soluções simples ou extremistas.

Conclusão

A Era Meiji (1868–1912) foi um período de profundas transformações no Japão, caracterizado pela transição de uma nação feudal e isolacionista para uma potência moderna e inserida no cenário global. Durante esse processo de rápidas mudanças, Nakae Chōmin (1847–1901) se destacou como um dos pensadores liberais e críticos do governo. Sua obra mais conhecida, *O Discurso dos Três Bêbados sobre Governo* (1887), sintetiza os dilemas políticos, sociais e filosóficos enfrentados pelo Japão em sua busca por modernização. Frequentemente chamado de "Rousseau do Oriente", Chōmin se dedicou não apenas à tradução e divulgação do pensamento iluminista europeu, mas também à tentativa de conciliar essas ideias com a filosofia japonesa, especialmente a tradição neo-confucionista de Wang Yangming. Sua trajetória— de samurai de baixa patente a intelectual boêmio, tradutor, jornalista e crítico do governo Meiji —reflete a ambiguidade da época, na qual valores tradicionais e aspirações modernizantes frequentemente colidiam.

O Discurso dos Três Bêbados sobre Governo é uma obra que vai além de seu contexto imediato e oferece uma análise dos desafios enfrentados por nações periféricas diante da

hegemonia cultural e militar do Ocidente. Por meio do diálogo entre três personagens, o Cavaleiro da Educação Ocidental, o Campeão do Oriente e o moderador Mestre Nankai, Chōmin expõe três visões sobre o futuro do Japão. O Cavaleiro, defensor de ideais tipicamente associados a algumas vertentes dos Iluminismos, especialmente seus componentes democráticos e radicais, propõe a abolição das forças armadas e a adoção de um pacifismo moralista, acreditando que o processo histórico levaria inevitavelmente à igualdade universal. Já o Campeão, representante do nacionalismo expansionista, advoga pela militarização e pela conquista de territórios asiáticos como forma de garantir a sobrevivência do Japão no cenário mundial. Por fim, Mestre Nankai, uma figura aparentemente imparcial, encarna um pragmatismo cético, rejeitando tanto o idealismo utópico quanto o militarismo agressivo, e opta por reformas graduais de transição democrática baseadas no estímulo ao constitucionalismo.

A aparente imparcialidade de Mestre Nankai, no entanto, não é uma simples neutralidade. Ela funciona como uma estratégia retórica central na obra de Nakae Chōmin. Ao se posicionar como o moderador que evita tomar partido, Mestre Nankai permite que os argumentos do Cavaleiro e do Campeão sejam expostos em toda sua complexidade, sem que o autor precise se comprometer diretamente com nenhuma das posições. Novamente, essa técnica retórica remonta à tradição de debates filosóficos da Grécia Antiga e aos diálogos renascentistas, reabilitados nos séculos XVII e XIX, frequentemente apresentando personagens mediadores de pontos de vista divergentes. Por meio dessa estratégia, Nakae desconstrói os extremos e expõe suas falácias. O Cavaleiro, embora nobre em suas aspirações, ignora as desigualdades de poder entre o Japão e as potências coloniais, subestimando o risco de subjugação caso o país abandonasse sua defesa. O Campeão, por sua vez, revela-se prisioneiro de uma visão belicista da história, onde a violência é perpetuada como única forma de garantir a soberania. Mestre Nankai, ao sintetizar e criticar ambas as posições, não apenas se coloca como mediador, mas utiliza sua auto professada imparcialidade como um instrumento retórico para avançar a principal mensagem de Nakae: a necessidade de um caminho pragmático que leve em consideração as especificidades do Japão e não se deixe cooptar por excessos do idealismo importado da Europa.

A imparcialidade de Mestre Nankai, portanto, é uma construção cuidadosamente planejada. Ao não oferecer conclusões definitivas, Chōmin convida o leitor a refletir sobre os dilemas apresentados, sem impor uma resposta pronta. Essa abordagem parecia ser particularmente eficaz no contexto do Japão Meiji, em que as pressões por modernização e as resistências às mudanças criavam um ambiente potencialmente polarizado. Ao satirizar tanto o

nacionalismo expansionista quanto o idealismo descontextualizado, o autor não nega a necessidade de reformas, mas enfatiza a importância de adaptá-las às condições históricas e culturais do Japão. A insistência de Mestre Nankai em considerar o tempo e o lugar reflete uma visão nuançada do processo histórico, com espaço para transformações. Ela se contrapõe drasticamente às narrativas rígidas de progresso linear defendidas pelo Cavalheiro.

Cumprir destacar e isso merece aprofundamento futuro, que tal postura de Nakae Chōmin faz eco às críticas de pensadores como Edmund Burke e Alexis de Tocqueville, que alertavam sobre os perigos de revoluções abruptas. No entanto, Nakae Chōmin vai além ao integrar a tradição neo-confucionista, que valoriza a harmonia social e o dever ético dos intelectuais. Sua defesa do constitucionalismo não é uma renúncia à democracia ou à igualdade, mas um reconhecimento de que a democracia só pode florescer quando se baseia em estruturas materiais e culturais sólidas. A insistência de Mestre Nankai em considerar o tempo e o lugar reforça a visão de Nakae de que as mudanças devem ser graduais e respeitar as condições específicas de cada sociedade.

A morte de Chōmin, em 1901, o impediu de testemunhar o desfecho da era Meiji, incluindo as direções que o país tomaria nas décadas seguintes. No entanto, suas críticas ao nacionalismo belicoso demonstram sua aguda percepção dos riscos da busca desenfreada por poder. Seu ceticismo em relação à retórica civilizatória do Ocidente antecipa debates sobre as consequências dos projetos modernizadores impostos por pressão externa. Ao finalizar *O Discurso dos Três Bêbados*, Nakae não oferece um programa político detalhado, mas deixa claro que o caminho para a democracia exige paciência e diálogo contínuo. Em uma era de certezas e discursos maniqueístas, *O Discurso dos Três Bêbados sobre Governo* se destaca como uma reflexão crítica sobre as complexidades da modernização e da política. A aparente imparcialidade de Mestre Nankai, longe de ser uma neutralidade passiva, revela-se uma ferramenta retórica poderosa para desmontar extremismos e fomentar o pensamento crítico.

BIBLIOGRAFIA

CHOMIN, Nakae. *A Discourse by Three Drunkards on Government*. Nova York: Weatherhill, 1984.

FILLION, Réal. Philosophy of History: Speculative Approaches. *Bloomsbury History: Theory and Method Articles*. London: Bloomsbury Publishing, 2021.

KANT, Immanuel. Resposta à pergunta “o que é esclarecimento”? São Paulo: Penguin-Companhia, 2022.

KAUFMAN-OSBORN, Timothy V. Rousseau in Kimono: Nakae Chōmin and the Japanese Enlightenment. *Political Theory*, v. 20, n. 1, p. 53-85, 1992.

MARIUS. Introduction. In: *The Cambridge History of Japan*. Volume 5: *The Nineteenth Century*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989. p. 1-49.

PHILLIPS, Mark. Society and Sentiment: Genres of Historical Writing in Britain (1740-1820). Princeton: Princeton University Press, 2000.

TRANINGER, Anita. Taking Sides and the Prehistory of Impartiality. In: MURPHY, Kathryn; TRANINGER, Anita. *The Emergence of Impartiality*. Holanda: Brill, 2013.

TSUKUI, Nobuko. Introduction. In: CHOMIN, Nakae. *A Discourse by Three Drunkards on Government*. Nova York: Weatherhill, 1984, p.16.

YAMAGUCHI, Kosaku. Nakae Chōmin: Liberalism and Nationalism. *St. Andrew's University Economic Review*. Osaka, v. 4, n. 12, p.145-218, 1962.

DECLARAÇÃO DE AUTENTICIDADE

Eu, Filipe Ribeiro André, declaro para todos os efeitos que o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado ***A POLÍTICA EMBRIAGADA*** *Imparcialidade e História no Discurso dos Três Bêbados sobre Governo*, de Nakae Chōmin (1887) foi integralmente por mim redigido, e que assinalei devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores. Declaro ainda que o trabalho nunca foi apresentado a outro departamento e/ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico.

Filipe Ribeiro André

Brasília, 21 de fevereiro de 2025